

Os efeitos de sentido na produção discursiva tirinha da Mafalda: a construção do sujeito mulher e as relações de poder/saber.

Ana Michelle de Melo Lima

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. anamichellemelo@hotmail.com

Resumo: Diante de uma análise do discurso das tirinhas da Mafalda, objetivamos neste trabalho analisar a construção dos efeitos de sentido constituídos nos discursos das tirinhas da Mafalda, considerando as relações de poder/saber produzidas no campo discursivo. Para esta análise, recorreremos aos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha Francesa, a partir da contribuição de Michel Pêcheux e Michel Foucault, mobilizando categorias como: discurso, sentido, interdiscurso, memória discursiva, condições de produção, formação discursiva, relações de poder/saber, para discutir os efeitos de sentidos no discurso. Nossa pesquisa destaca como objeto de estudo, as tirinhas da personagem Mafalda, criadas pelo desenhista argentino Joaquim Salvador Lavado, mais conhecido como (Quino), que utilizou a imagem de uma menina de seis anos, para denunciar os problemas sociais da época, como por exemplo, a crítica ao lugar que o sujeito mulher ocupa, diante do estereótipo de esposa, mãe e dona de casa como únicas posições destinadas ao sexo feminino. Justificamos esta escolha, pelas condições de produção do discurso, as quais propiciam a construção do sujeito mulher na rede discursiva que envolve as relações de poder/saber, oportunizando a produção de diferentes efeitos de sentido. Como metodologia, faremos pesquisa bibliográfica sobre a Análise do Discurso para marcar o lugar teórico de Pêcheux e Foucault e as categorias que serão mobilizadas no percurso analítico. Em seguida, realizaremos a análise da materialidade, explorando a produção dos efeitos de sentidos, os quais desencadeiam discussões ainda calorosas sobre a posição da mulher na sociedade com relação ao homem, marcado na história como superior, de modo que será possível mobilizar sentidos solidificados sobre o sujeito mulher, resgatados na materialidade discursiva da tirinha da Mafalda.

Palavras-chave: Discurso, Sujeito, Poder.

Introdução

Ao longo da história o sujeito social estabeleceu relações discursivas através da linguagem, considerada como um cenário de discursividade que possibilita a comunicação entre os sujeitos, visto que os discursos produzem sentidos distintos, diante dos fatores históricos, sociais.

A pesquisa objetiva analisar a construção dos efeitos de sentido produzidos nos enunciados das tirinhas da Mafalda, considerando as relações de poder/saber que se constituem no campo discursivo, a partir das concepções teórica-metodológica de Michel Pêcheux e Michel Foucault. Destacamos como objeto de investigação as tirinhas da personagem Mafalda, as quais propiciam a construção do sujeito mulher na rede discursiva pelas condições de produção do discurso.

Nessa perspectiva, faremos um percurso teórico para ressaltar os pressupostos acerca da teoria do discurso, enfatizando a produção dos efeitos de sentido considerando as relações de poder/saber. Em seguida, realizaremos a análise em uma tirinha da personagem Mafalda que apresenta situações

de luta de classe, em virtude de sentidos cristalizados na sociedade sobre o lugar que o sujeito mulher ocupa, possibilitando na constituição de um sujeito submisso, obediente representado pela mãe do sujeito Mafalda.

Percurso Teórico

O estudo sobre o discurso na história mobiliza várias vertentes teóricas, entre elas a Análise do Discurso, marcada por grandes nomes. Dentre vários autores destaca-se Michel Pêcheux e Michel Foucault, visto que a nossa pesquisa toma como as concepções dos dois autores para o processo de investigação.

Diante do estudo do discurso, para Fernandes (2008, p. 13) o “discurso implica uma exterioridade a língua, encontra-se no social e envolvendo questões de natureza não estritamente linguística”. Desse modo, o discurso é produzido pela relação que articula com o que lhe é exterior. Nessa perspectiva, o discurso quando produzido constitui efeitos de sentido, em razão de seu caráter mutável que produz sentidos a partir das práticas sociais que estão integrados. Esses discursos se constroem através de materialidades verbais ou não, mobilizados no palco das enunciações.

Nesse cenário, é possível compreender que as movências do sentido mantêm estreita relação da linguagem com a história em razão do significado que os discursos verbais e não-verbais possuem nesse palco de entrelaçamento entre língua e história, determinando a exterioridade como constitutiva do sentido. Para Gregolin (2001, p. 10):

Como alçapões, os textos capturam e transformam a infinitude dos sentidos em uma momentânea completude. Só por instantes, até que o leitor, perseguindo as pegadas inscritas na materialidade textual, na prática da interpretação, devolvi-lhes sua natural incompletude e ele alçam voo, novamente, devolvidos à agilidade das asas que os suspendem. Inserido na história e na memória, cada texto nasce de um permanente diálogo com outros textos; por isso, não havendo a palavra fundadora, a origem, a fonte, os sujeitos só podem enxergar seu sentido em seu pleno voo. (GREGOLIN, 2001, p. 10).

Para a autora, os sentidos se produzem nesse campo móvel, perante à relação determinada que um discurso estabelece com outros, de modo que esse sentido se distâncie da noção de único, uma vez que o sujeito não tem como designar uma fonte, origem, para seus enunciados, em virtude de que se operam pelas relações que mantêm com outros discursos para sua produção. Nascimento (2010) corrobora esse pensamento ao considerar o pleno voo como o discurso que opera os sentidos entre os sujeitos sociais. Esses sentidos fabricados estabelecem relações entre língua e história - e são determinados pelas condições de produções em que se inserem.

Em suma, os sentidos são escorregadios, podem facilmente oportunizar o deslizamento para outro sentido, explicando seu caráter móvel, pois um sentido sempre pode tornar-se outro. Nesse viés, Pêcheux (2015, p.53) ressalta que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”.

Foucault (2012, p. 131) aborda o termo discurso como um “conjunto de enunciados que se apoiam em um mesmo sistema de formação; é assim que poderei falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico”. Em vista disso, o discurso ganha forma a partir do conjunto de enunciados que remetem a uma formação discursiva, produzido no processo de discursivização. O discurso passa a ser determinado como acontecimento, em virtude da ligação que estabelece com questões históricas, articulando um caráter heterogêneo de uma época em que o acontecimento é tracejado pela regularidade, pela dispersão. Assim, o discurso passa a ser visto como um acontecimento - como destacam os pressupostos teóricos de Foucault no campo da Análise do Discurso -, determinado como uma prática discursiva constituída a partir da dispersão, da regularidade.

A partir dessa perspectiva, é perceptível que não é permitido a existência de um único discurso, definitivo, eterno, pois os discursos são fluidos, dispersos, uma vez que as formações discursivas se constituem a partir dos acontecimentos produzidos na discursivização, atravessados pela história e pelo social. Assim, é relevante enfatizar as palavras de Foucault (2012, p. 34) argumentando que:

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui.

Isto posto, a formação discursiva se opera através das condições de formação dentro de um campo de regularidade a partir de um momento dado, considerando a dispersão que marca a heterogeneidade articulada nas relações sociais, estabelecidas em diferentes esferas no campo discursivo.

Diante da noção de formação discursiva, o enunciado passa a considerar aspectos que vão muito além de estrutura linguística, pois possibilita a construção de múltiplos sentidos. Uma formação discursiva resulta de um campo de configurações que colocam em emergência os dizeres e os sujeitos socialmente organizados em um momento histórico específico. Sobre o conceito de formação discursiva, Fernandes (2008, p. 44 - 45) considera que:

Uma formação discursiva não se limita a uma época, em seu interior encontramos elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, mas que se fazem presentes a partir de novas condições de produção, integrando um novo contexto histórico, e possibilitando outros efeitos de sentido.

Nessa perspectiva, as formações discursivas se constituem através das condições de produção de modo a possibilitar a propagação de um enunciado. Assim, mesmo que seja um discurso já pronunciado em outro momento, apresentará um outro efeito de sentido em virtude das condições históricas e sociais nas quais é produzido.

Nessa arena de entrelaçamentos é possível compreender a relação determinada entre discursos distintos perante um enunciado já discursivizado anteriormente, a partir do conceito de interdiscurso que estabelece o fio que enlaça um já dito através da noção de memória discursiva. Para Gregolin (2001, p. 19):

O interdiscurso determina o sujeito *impondo - dissimulando seu assujeitamento sob a aparência da autonomia*. A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) à formação discursiva que o denomina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, repousa sobre o fato de que os elementos do interdiscurso que constituem, no discurso do *sujeito ele-mesmo*. (GREGOLIN, 2001, p. 19, grifo do autor).

Assim, a partir de diferentes condições de produção que permeiam a construção dos sentidos, o interdiscurso se articula pelos sujeitos sociais que se inserem nesse entrelaçamento discursivo. Os discursos que se entrecruzam no fio discursivo implicam que os sujeitos sejam marcados pela história e a memória discursiva, pois, de acordo com Nascimento (2010, p. 37), é “através da memória discursiva que se pode perceber a circulação de formulações anteriores, do já dito, já pronunciado antes”.

Considerando os postulados de Pêcheux (2015, p. 10) acerca da noção de memória discursiva, é importante salientar seu posicionamento que:

Uma memória não poderia ser concebida como esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...

A memória discursiva é um espaço heterogêneo determinado por movências, materializado através de resgates e deslocamentos estabelecidos em diferentes contextos de enunciações, operados

no decorrer da história. Assim, a memória é um dispositivo manuseada em diversos cenários por sujeitos sociais distintos através dos enunciados discursivizados que determinam uma retomada, um resgate.

A memória é a fagulha decisiva para se compreender os discursos enunciados em um momento marcado na história. Retoma o que ficou no esquecimento diante dos discursos que se mantêm conectados, entrelaçados por diferentes vozes materializadas em esferas sociais distintas. Nesse sentido, é interessante considerar que os discursos são povoados por outros discursos como argumenta Foucault (2012, p. 50), uma vez que determina que:

Quando muito, são suscetíveis de serem favoravelmente retomados nas descobertas da leitura; quando muito, podem ser aí descobertos como portadores das marcas que remetem à instância de sua enunciação; quando muito, essas marcas, uma vez decifradas, podem liberar, por uma espécie de memória que atravessa o tempo, significações, pensamentos, desejos, fantasmas sepultados.

Nessa perspectiva, o autor coloca em destaque a capacidade que a memória possui de fazer ressurgir, através do discurso e seu sentido, tudo que foi esquecido, apagado pela história, de modo que operam um jogo de forças produzidos por meio das vontades de verdade que articulam as relações de poder, tomando como base um saber.

A noção de poder abordada por Foucault enfatiza sua proposta de enxergar o poder como um elemento que pode explicar como os saberes se constituem em virtude dos sujeitos que se operam nesse processo de construção. Nessa abordagem, Foucault reporta-se ao conceito de genealogia que consiste em uma descrição da história a partir dos acontecimentos que se propagam no tempo, articulados pelos discursos no domínio de poder. Essa descrição da história não tem interesse em abordar o momento de origem, isto é, o lugar da verdade.

Assim, é perceptível a face instável de deslocamento do poder, manifestado através da constituição de saberes e tecido em diferentes situações sociais. O domínio de saberes constrói sujeitos diante de sua vontade de verdade, pois se exerce acerca de um jogo de estratégias de poder para docilizar, corrigir esse corpo. As palavras de Foucault (2015, p. 284) destacam que:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão.

As relações de poder se produzem no cenário discursivo, articulado por saberes que se constituem no espaço social, de modo que esses saberes produzem vontades de verdades, estabelecidas por relações de força na enunciação. Nesse sentido, o poder é fluido, disperso, constitui-se em diferentes lugares sociais em que possuem uma face de controlar, disciplinar os corpos discursivos. Desse modo, o poder e o saber são mobilizados pelas práticas discursivas no processo de normalizar, disciplinar os corpos produzidos no discurso.

Os saberes possibilitam a constituição dos sujeitos discursivos, em razão de possuírem autoridade para produzir determinadas discursividades. Os sujeitos exercem dadas práticas que favorecem a sua produção. Para Foucault (2012), o sujeito pode ocupar diferentes lugares no processo de produção discursiva diante das possibilidades que existem. O sujeito se constitui na história e pela história, de maneira que sua subjetividade é produzida pelas práticas que exerce socialmente. O sujeito busca seu modo de ser, a constituição de si mesmo, realizando um exercício de governo de si.

O discurso do sujeito Mafalda e os efeitos de sentido

A partir dos discursos produzidos socialmente no campo da linguagem é observável a capacidade que um enunciado possui de produzir um outro sentido, de acordo com os deslocamentos e deslizamentos que são constituídos a partir de fatores históricos, sociais, políticos. Esses sentidos são produzidos a partir de resgates que retomam por meio da memória e do interdiscurso, outros discursos operados em um momento na história.

Considerando a produção discursiva do sujeito mulher nas tirinhas da Mafalda, a tirinha analisada mobiliza a mulher no espaço doméstico, refletindo um cenário comum pois, a imagem da mulher está atravessada por sua função de progenitora, a senhora que cuida do lar, filhos e marido, como determina as formações discursivas articuladas ao longo da história que coloca o sujeito mulher na posição de mãe, esposa e dona de casa como únicos lugares, diante de tensões de ordem sociais, política que mantém a sociedade sobre seu poder. A construção do sujeito mulher será investigado na tirinha a seguir.



Fonte: QUINO (2010)

Considerando o discurso produzido na tirinha, é possível resgatar pela memória discursiva a constituição de dois sujeitos o sujeito mãe, ao ocupar uma posição de mulher disciplinada pelas formações discursivas que determinam seu lugar voltada às tarefas do lar, ao marido e aos filhos, anulando qualquer capacidade para atuar em uma área profissional. Como destaca Pinsky (2015, p. 609) “ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres”. Assim, o sujeito mulher, desde seu nascimento, já estava destinado a constituir uma família, apagando outras possibilidades.

Mafalda produz uma nova construção de sujeito, pois na tirinha é observável seus primeiros passos para seguir uma vida diferente de sua mãe, não se detendo apenas a constituição de uma família. Esse fato é perceptível na produção discursiva pela presença da Mafalda na escola, com o objetivo de iniciar uma vida educacional, fato observado na tirinha anterior, e agora como sujeito participante do mundo das letras, destacando um provável futuro profissional. O interesse de mudar a imagem sobre o sujeito mulher em relação ao estereótipo de mãe, esposa e dona de casa é atravessado na fala da Mafalda, quando sua mãe lhe questiona: *Como foi hoje na escola Mafalda?*, e a menina esclarece: “*Bem! Aprendemos um monte de coisas novas.* O entusiasmo nas palavras do sujeito Mafalda em aprender reflete o desejo, a busca de ocupar posições que vão além do lugar da mulher nesse círculo fechado de anfitriã familiar.

Nessa perspectiva, o ensino para a mulher era algo que ainda possuía algumas barreiras, devido ao pensamento cristalizado ao longo da história, que prende, amarra o sujeito mulher ao discurso de mãe e esposa como posições únicas. A educação para a mulher encontra obstáculos, pois, como destaca Louro (2015, p. 446), “não havia por que mobiliar a cabeça da mulher com

informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios”.

A educação para as mulheres, por um longo período, esteve voltada para os afazeres domésticos, funções destinadas exclusivamente a mulher, pois sua reponsabilidade de esposa, dona de casa e mãe eram tarefas suficientes para ela, conforme os princípios e moral da época. Os serviços do lar podem ser observados por Mafalda na imagem da tirinha que mostra o aspirador de pó, a vassoura, o espanador e várias roupas passadas, que destacam como a casa foi bem cuidada por sua mãe, que realiza da melhor forma as tarefas domesticas. Para Perrot (2015, p.116), isso ocorre porque “a mulher tem a responsabilidade de zelar pela família e de manter a casa em ordem: arrumação e limpeza da casa ou apartamento, lavagem e repassagem de roupas, elaboração dos cardápios das refeições, cuidados e educação das crianças”.

A subjetividade do sujeito mulher se constitui, assim, em torno do disciplinamento e da docilização, representados pelo sujeito mãe, ao silenciar outras oportunidades, em campos além do lar, da família, nos quais poderia conquistar seu espaço profissional e sua liberdade financeira, possibilitando dessa forma uma vida com mais satisfação ao fazer parte do mercado de trabalho, como Mafalda sempre destaca. No entanto, a construção desse sujeito mulher é contrariada. Como enfatiza Perrot (2015, p. 625), “ o bem-estar do marido era tomado como ponto de referência para a medida da felicidade conjugal, a felicidade da esposa viria como consequência de um marido satisfeito”. A mulher estava totalmente sujeita aos discursos que a colocava no lugar de esposa atenciosa, mãe dedicada, deixando no plano do esquecimento outras posições.

Percebe-se pela produção discursiva na tirinha que o sujeito Mafalda, depois de observar todas as tarefas domésticas executadas por sua mãe, questiona-a: *E você, mamãe? Como foi aqui nesse antro de rotina?*. A fala da menina produz um efeito de sentido irônico, pois Mafalda é um sujeito militante, resistente às produções discursivas que legitimam o lugar da mulher no papel de esposa, dona de casa e de mãe, mobilizadas pelas relações de poder. Assim, Mafalda busca por um novo caminho, novas oportunidades para a mulher, pois possui capacidade para construir uma família e ser uma grande profissional. O discurso da tirinha retoma pelo interdiscurso a questão de as mulheres estarem submetidas ao espaço fechado da família, quando a fala da Mafalda aborda o enunciado *antro de rotina*, resgatando o fato de que as mulheres, todos os dias, fazem a mesma coisa em suas casas: limpam, passam, arrumam e perdem o direito de conhecer algo novo, diferente, que possa contribuir com sua formação de sujeito.

Assim, a mãe do sujeito Mafalda apresenta marcas de subjetividade de obediência, sujeição. É um sujeito disciplinado pelos discursos produzidos no campo discursivo, diante das condições que a posiciona no lugar de mãe, dona de casa e esposa, deixando invisíveis outras possibilidades, apagadas por essa docilização e por esse controle. Nesse sentido, Fernandes (2012, p. 76) considera que “uma subjetividade produzida pela exterioridade, uma vez que revela a inscrição do sujeito enunciativo em determinado lugar e momento social e historicamente produzidos”.

Em contrapartida, o sujeito Mafalda propicia uma construção subjetiva de sujeito guerreiro, resistente às discursividades que determinam os lugares devidamente adequados para as mulheres, direcionando-as para a família, o marido e os filhos. Assim, Mafalda é subjetivada como um novo sujeito, contemporâneo, uma vez que deixa evidente seu desejo de mudar o papel historicamente destinado às mulheres. A menina rompe com essa construção da imagem feminina, moldada pela historicidade, atravessada pelos estereótipos de dona de casa, mãe e esposa, ao ocupar o lugar de estudante, com o direito ao conhecimento, que Mafalda considera como o caminho para grandes vitórias, isto é, a forma para o sujeito mulher mostrar à sociedade sua competência para ocupar lugares além da família. Mafalda, ao ocupar um espaço na sala de aula, marca a entrada da mulher na produção do conhecimento; e sua posição na área da aprendizagem, da escola, possibilita a construção subjetiva de um sujeito mulher inteligente e capacitado.

Observa-se também que Mafalda não se intimida ao denunciar questões de ordem social, no caso a intolerância e a hostilidade acerca da mulher durante um longo período na história. Suas palavras, ao questionar a mãe sobre como foi seu dia, deixam visíveis as faces irônica e contestadora da menina. Assim, Mafalda destaca-se por tornar públicas questões deixadas no plano do silenciamento no período militar, marcado pela ordem e controle. Nesse sentido, o sujeito Mafalda está sempre disposto a construir diferentes vontades de verdade.

Considerando o compromisso da verdade observado no enunciado do sujeito Mafalda, ao perguntar à mãe, *E como foi aqui nesse antro de rotina?*, que expõe o sujeito mulher preso ao estereótipo esposa - dona de casa – mãe, trazemos a noção de verdade para Foucault (2010, p. 42), tratada pelo conceito de parrésia, “palavra grega em que seu significado é dizer tudo, mas na verdade ela é traduzida, com muito mais frequência, por fala franca, liberdade de palavra”. Nesse viés, o sujeito Mafalda é marcado pela parrésia, por não ter medo de dizer a verdade, sobretudo diante de um momento histórico marcado por um governo ditatorial, que mobiliza fortes relações de poder. No entanto, o sujeito Mafalda não se deixa abater com as imposições estabelecidas no campo social, destacando-se pela coragem de falar a verdade e a maneira como essa verdade é dita. Como

ressalta Foucault (2010), para haver a parrésia é preciso que o dizer-a-verdade mobilize situações de risco para o sujeito discursivo, diante das condições em que se inserem, pois essa verdade é dita de maneira violenta, abrupta.

considerações finais

Observamos dessa forma, que o discurso produzido nas tirinhas da Mafalda produz diferente efeitos de sentido, em razão das condições de produção do discurso relacionado a questões históricas, sociais. Nessa perspectiva, a posição que o sujeito ocupa no processo de discursivização contribui para a produção dos efeitos de sentido, observado através do discurso da Mafalda que apresenta um efeito de sentido irônico, uma vez que seu enunciado representa uma pequena parte da sociedade que se posiciona para lutar contra o estereótipo cristalizado na historicidade, que determina o lugar da mulher na posição de mãe, esposa, dona de casa, silenciado outros lugares sociais que poderiam ocupar.

Em vista disso, as formações discursivas se constituem através de forças mobilizadas por relações de poder/saber pelas práticas discursivas, materializadas por meio dos enunciados que constituem vontades de verdades, isto é, os discursos podem produzir efeitos de sentido, de modo que se constituem através dos enunciados relacionados a questões históricas e sociais, resgatados pela memória discursiva e o interdiscurso, levando em consideração as condições de produção em que o sujeito histórico está inserido.

A posição do sujeito no discurso, favorece sua constituição como observado na tirinha pela mãe do sujeito Mafalda, que é subjetivada como submissa, obediente, pois ocupa unicamente a o lugar de esposa, mãe. Em contrapartida, observa-se a constituição de um outro sujeito, representado por Mafalda que rompe com essa construção do sujeito mulher ligado a questão doméstica, quando passa a ter a possibilidade de ocupar outras posições sociais.

Referências

- DEL PRIORE, Mary (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2008.
- FERNANDES, C. A. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**. Curso no Collège de France, 1982-1983. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. – 8. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro. 2015.

GREGOLIN, M. R. **Análise do discurso: os sentidos e suas movências**. 2001.

NASCIMENTO, M. E. F. **Sentido, Memória e Identidade no Discurso Poético de Patativa do Assaré**/ Recife: Bagaço, 2010.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni P. Orlandi – 7ª Edição, Campinas, SP: Pontes editora, 2015.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrreia. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2015.

QUINO. **Toda Mafalda**. – 2 ed. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2010.